

## **CENÁRIO VALORIZA: TRILHANDO CAMINHOS ALTERNATIVOS**

O cenário fictício *Valoriza: trilhando caminhos alternativos* é contado por meio de um cordel que retrata as modificações na vida de sergipanos e sergipanas entre os anos de 2025 e 2050. Esse cordel é adquirido por um casal de aposentados europeus que se desloca do Velho Mundo até Laranjeiras para experienciar a manifestação popular dos Lambe-Sujos e Caboclinhos. Durante a leitura, um guia turístico que os acompanha e uma servidora pública que se insere na conversa dão detalhes sobre os eventos por trás dos versos. O cenário *Valoriza: trilhando caminhos alternativos* possui a seguinte ideia-força:

Até 2050, a exploração de energia na costa de Sergipe ainda não se tornou realidade, mas o estado registrou avanços econômicos e sociais, ainda que limitados. O turismo, a cultura e a inclusão produtiva foram definidos como pilares do desenvolvimento. Nesse contexto, uma nova política educacional foi implementada, focada em fortalecer a identidade sergipana. Com grandes esforços de gestão e governança, Sergipe alcançou níveis de desenvolvimento superiores aos de anos atrás, mas ainda insuficientes para atender às expectativas de uma sociedade que não dispõe de oportunidades complexas no mercado de trabalho. Faltam recursos para dinamizar a economia, incorporar tecnologia e ampliar a efetividade das políticas públicas.

### **ROTEIRO TURÍSTICO PARA INGLÊS VER (OUTUBRO DE 2050)**

Alexander e Sophia são um casal de aposentados ingleses, apaixonados por cultura popular, que decidem, em 2050, viajar pela primeira vez ao Brasil. Eles interagem com sua assistente virtual para definição do roteiro e ficam fascinados com o destino Sergipe, que desponta internacionalmente como o “país da cultura e do aconchego”. A assistente mostra a eles que o estado proporciona tudo o que procuram: belezas naturais, ótima infraestrutura turística e valorização do folclore. Além disso, Sergipe é destaque pela valorização das relações humanas que proporciona a seus habitantes e visitantes, em meio a um mundo altamente tecnológico. O casal fica encantado com o folguedo quase bicentenário dos Lambe-sujos e Caboclinhos, apresentado como o maior teatro a céu aberto do mundo.

Eles viajam até Sergipe no mês de outubro e se hospedam em Laranjeiras, cidade que conta com rede hoteleira moderna e capaz de acomodar os muitos turistas que buscam desfrutar de seus atrativos. No hotel, é indicado um guia para acompanhar o casal no festejo dos Lambe-Sujos e

Caboclinhos: Tobias, um recém egresso da conceituada pós-graduação em Turismo e Economia Criativa, da Universidade Estadual de Sergipe.

Já na alvorada festiva, o casal fica impressionado com a conservação dos históricos equipamentos culturais da cidade e a quantidade de turistas estrangeiros que acompanham o cortejo. Eles questionam a Tobias a que se deve o recente sucesso no turismo do estado, uma vez que só se ouve falar em Sergipe quando pesquisam sobre o Brasil.

Tobias explica que por trás dos avanços está a realização de um amplo acordo entre Estado e sociedade, firmado na segunda metade dos anos 2020, acerca daqueles que seriam os grandes vetores do desenvolvimento de Sergipe, enquanto o *boom* da exploração de recursos minerais não ocorresse: turismo, cultura e inclusão produtiva. Desde então, essas três áreas passaram a balizar as grandes ações realizadas entre atores estratégicos para o desenvolvimento, orientando a busca e a alocação de investimentos.

O guia esclarece que um conselho de desenvolvimento, composto por especialistas de diversas áreas e representações sociais, tem garantido a implementação das estratégias. "Sergipe é destaque em nível nacional pela geração de consensos para o desenvolvimento. No país, historicamente não se consegue priorizar um número restrito de prioridades, muito menos efetivá-las em planejamentos de longo prazo", ressalta.

Enquanto acompanhavam os Lambe-Sujos, o casal questiona sobre os demais setores da economia, em especial os mais complexos, que demandam alto nível de industrialização e absorção de tecnologia. Tobias, que é engenheiro de petróleo e gás de formação, explica que atividades que demandam maior investimento e especialização de mão de obra deverão entrar em uma segunda fase do planejamento. Afinal, nessa primeira, que vinha priorizando turismo e cultura, os pressupostos eram o reconhecimento das limitações do estado e a valorização de suas potencialidades:

Partiu-se do diagnóstico de que nos deparávamos com alta vulnerabilidade social, mão de obra pouco qualificada e considerável limitação a investimentos. Frente a isso, o consenso foi priorizar atividades que atendessem aos seguintes requisitos: histórico de vocação econômica, tendência de crescimento, exigência de baixo ou médio nível de investimento inicial e de especialização da força de trabalho, além de alto impacto na inclusão produtiva.

O casal reconhece que a estratégia deu resultados, mas não se contém: "Ok, e quando virá a próxima etapa?". Tobias não titubeou:

Em breve! Finalmente a licitação para exploração de gás natural e petróleo em águas profundas na Bacia Sergipe-Alagoas deverá ter sucesso em atrair investidores internacionais! Agora vai! Com essa nova atividade, deveremos ter um novo porto, uma vez que a expansão de nosso terminal da Barra dos Coqueiros já está inviabilizada pela construção de condomínios de luxo no seu entorno. Será uma nova era para Sergipe e, até que enfim, utilizarei meus conhecimentos da graduação!

As falas de Tobias ilustram a histórica expectativa pela exploração de óleo e gás no estado, por meio do projeto Sergipe Águas Profundas (SEAP). O guia explica aos ingleses que essa postergação se deu pela concorrência que o SEAP tem enfrentado com o pré-sal no Sul e Sudeste do país e com a Margem Equatorial, no Norte e Nordeste. Assim, ao longo dos anos, não houve uma política nacional que priorizasse a exploração do petróleo e do gás natural na costa sergipana.

Contribuiu para isso, segundo Tobias, o fato de que, desde metade dos anos 2020, a incorporação da pauta da transição energética no Brasil e em países da América Latina acelerou processos de produção do hidrogênio verde e de extração de lítio para armazenamento e exportação de "energia limpa" a países europeus, o que gerou uma verdadeira corrida por especialização na área, tendo deixado a exploração do gás em segundo plano.

O resultado foi que a infraestrutura para exploração de óleo e gás em Sergipe ainda não estava devidamente construída em 2050: "As licitações para as plataformas têm se mostrado desertas e, enquanto isso, a Petrobras não liderou a construção de unidades próprias. Além disso, o preço do gás natural ainda é caro para a indústria nacional", lamenta o guia.

O casal inglês, conhecedor da temática da transição energética, alerta que o papel do gás enquanto combustível de passagem para fontes renováveis já dá sinais de esgotamento, uma vez que estão amadurecidas alternativas de energias renováveis e limpas, desenvolvidas por "países de primeiro mundo". Ainda assim, entendem que o petróleo e o gás continuam com grande importância na matriz energética mundial. Advertem, entretanto, que o país deveria desenvolver políticas para internalização da energia gerada: "Já passou da hora do Brasil e de Sergipe transmitirem segurança aos investidores para exploração do petróleo e do gás no SEAP, mas que seja para aproveitamento na matriz produtiva do estado!". Tobias reconhece a urgência das medidas, mas prefere acreditar na promessa dos combustíveis fósseis.

Seguindo o cortejo, entre uma visita e outra aos museus de ótimas infraestrutura e curadoria, o guia explica que o foco em turismo e cultura em Sergipe no período pautou uma reformulação na gestão pedagógica das escolas, que reforçou a sergipanidade como fator de identidade e coesão social e a valorização das relações humanas. Orientados por essa visão, de educação para a cidadania, os governos estaduais e municipais, por meio de suas secretarias de educação, têm conseguido realizar consensos junto aos sindicatos no que se refere aos conteúdos programáticos e à reformulação dos planos de carreira. "Isso passou a trazer maior valorização e reconhecimento à classe docente, que tem se mostrado propositiva aos desafios da sociedade" – afirma Tobias.

O casal de ingleses, professores aposentados, impressiona-se com a fala do guia:

Como conseguiram isso? Conhecemos bem a enorme pressão de grandes corporações na gestão pedagógica, com foco estrito em resultados e competências de mercado. Buscam uma padronização dos currículos, dificultando a valorização cultural das localidades, e enfatizam o alcance de indicadores em português e matemática, bem como nas capacitações em tecnologias da informação.

Tobias explica que, de fato, a maior participação da formação humana no currículo trouxe consigo certos embates junto a grandes entidades do terceiro setor de porte nacional. Ele esclarece que, para atenuação do conflito e realização de consensos, o papel do conselho de desenvolvimento tem sido primordial:

Eles reúnem os principais formuladores de cada frente para um diálogo em torno de alternativas concretas. Uma ferramenta que tem sido utilizada é a implantação de escolas modelo, conforme os diferentes planos pedagógicos. Isso torna a disputa saudável para Sergipe, que experimenta o melhor dos dois mundos.

Tobias destaca ainda dois pontos importantes na educação. O primeiro diz respeito ao engajamento da comunidade escolar, conceito que envolve a sinergia entre responsáveis pelos educandos, professores e parceiros comunitários. Explica o guia que isso tem ocorrido "graças à profissionalização dos gestores escolares, mediante programas governamentais estaduais e

federais, o que também foi fundamental para a melhoria das condições de trabalho dos professores”.

O segundo ponto é a ampliação do contraturno escolar, fruto de parceria entre os governos dos três entes federados (União, estado e municípios). Além de ser um período em que os jovens deixam de conviver com problemas sociais que cercam suas residências, há atividades que desenvolvem competências voltadas à economia criativa, cultura e línguas estrangeiras, preparando os educandos para as oportunidades do “nosso desenvolvimento”. Essas atividades são promovidas em parcerias com universidades, entidades do terceiro setor e grupos folclóricos do estado. “Eu mesmo, enquanto discente do curso de Turismo da universidade estadual, ministrei oficinas para a meninada”, lembra.

Entretanto, Tobias pondera que a falta de recursos no governo tem inviabilizado a universalização dos avanços na educação, que são mais perceptíveis nos Centros de Excelência, localizados nas regiões com maior avanço econômico. Além disso, as históricas reivindicações por melhorias de salários à classe docente ainda são recorrentes.

O guia relata que a carência de investimento para viabilizar maior efetividade nas políticas públicas não se observa somente na educação. “Isso se deve sobretudo à falta de atividades com maior dinamismo econômico no estado, que impede maior geração de tributos, algo que os *royalties* a advirem do SEAP poderá alterar”, comenta. Aliado a isso, menciona que o envelhecimento populacional tem trazido uma alta pressão para absorver os gastos governamentais, mediante duas frentes principais: aumento de gastos previdenciários com o funcionalismo público e maior necessidade de cobertura em saúde pública.

O casal de aposentados ingleses, após entoar alguns cânticos dos Lambe-Sujos, tirar fotos com brincantes de fantasias mais elaboradas e se manchar de mel de cabaú, chega ao novo centro de artesanato de Laranjeiras. Lá, escutam uma cordelista, acompanhada de viola e chapéu de cangaceira, entoando os primeiros versos de uma história:

Os gringos, um certo dia,  
Sergipe foram conhecer  
O país que tem folclore  
Mais queijada e bricelet  
Foram lá pra Laranjeiras  
Ouvir samba de pareia  
E o cordel de Suzanê.

Eu, Suzanê, te conto  
Como tudo começou  
Foi com o tal planejamento  
Que o governo coordenou  
Apostou no artista  
O gás não mordeu a isca  
Mas o progresso chegou.

E o tal do conselhão  
Priorizou educação  
Os jovens sabem de tudo  
Mas sai de lá só artesão  
Economia criativa  
Diz que tá desenvolvida  
Não chegou lá no Sertão.

[Fecha! "Pra" saber o resto, vai ter que comprar!]

Alexander fica curioso para ler o restante das estrofes e adquire um exemplar do cordel, intitulado "O tal progresso no país da cultura". Ele convida Tobias a acompanhá-lo até uma barraca de comidas e bebidas típicas para que procedam à leitura. Sophia, por sua vez, maravilhada com a criatividade e a qualidade dos artesanatos, sai a visitar o restante dos estandes.

Na barraca, Alexander solicita um punhado de amendoim cozido e um licor de mangaba, abre o cordel e começa a cantarolar:

A vida da sergipana  
Minha amiga, eu vou contar  
Com as crianças na creche  
Dá tempo até de se arrumar  
Menino sai estudado  
É muito valorizado  
"Prá" na cultura trabalhar.

Tobias interrompe Alexander para explicar com maiores detalhes o que ocorreu: "a reformulação na gestão educacional em Sergipe contou também com ampliação das vagas em creches, o que possibilitou que as mães investissem maior parte de seu tempo nos seus trabalhos, desenvolvendo a economia sergipana com a força de trabalho feminina".

O guia menciona que, com todas as inovações na gestão da educação pública, houve melhoria dos indicadores, sobretudo nos grandes centros do estado. Ele lembra que, no final dos anos 2020, um impulso à melhoria dos resultados ocorreu mediante programa que vinculava o repasse de recursos a municípios conforme o desempenho de suas redes, reforçado por avaliações das políticas públicas e auditorias do Tribunal de Contas. “Esse foi o pontapé para uma cultura que valoriza resultados na Administração Pública”, diz.

Assim, estudantes com bons níveis educacionais, conhecedores da história e da cultura sergipana e com competências socioemocionais desenvolvidas passaram a ocupar as vagas de trabalho e de capacitação profissional, em especial nas áreas priorizadas pelo planejamento. Para tanto, Tobias explica que foi essencial a articulação entre organismos governamentais e sociais promotores da cultura, instituições de ensino superior e pesquisa, Sistema S, empresariado sergipano e Banco do Estado de Sergipe (Banese), que têm colocado o estado como uma das referências no Nordeste no que diz respeito à economia criativa. Explica o guia:

Há diversas iniciativas que interligam capacitação e oportunidades diretas de emprego na economia criativa e turismo, com valorização de nossos conhecimentos tradicionais, expressões culturais e belezas naturais. Outro diferencial é o calor humano aqui em Sergipe, em um contexto de hiperconectividade das coisas, em que as interações geralmente se dão via robôs. Para viabilização disso, houve o apoio governamental necessário para que comunidades e empreendedores locais se tornassem protagonistas!

Nesse momento, uma servidora pública que ouvia o cantarolar de Alexander e os comentários de Tobias intervém: “Vôti! Essa conversa está muito boa e eu posso ajudar a desvendar esses versos! Prazer, meu nome é Feliciano, trabalho no governo de Sergipe há mais de 25 anos. Permitam-me detalhar algumas políticas que foram essenciais para o sucesso de Sergipe em turismo e cultura!”.

Com o aval entusiasmado de seus ouvintes, que a essa altura já envolvia a todos os frequentadores da barraca, Feliciano esclarece que, no âmbito do conselho de desenvolvimento, havia clareza que, frente à limitação de recursos financeiros próprios do Estado, os empréstimos com bancos e organismos multilaterais nacionais ou internacionais seriam a alternativa ideal para dinamizar a economia nos eixos priorizados. A orientação era de que esses investimentos deveriam, de fato, gerar retorno econômico, de modo a evitar

futuros desequilíbrios financeiros. Para tanto, análises criteriosas de viabilidade econômica e social passaram a ser implementadas.

Para execução da ideia, a servidora pública explica que foi criado um Plano Diretor de Investimentos voltado à cadeia do turismo e da economia criativa. Montou-se então um escritório de projetos, responsável por prospectar ações que atendessem às políticas de investimento dos organismos financiadores. “O resultado é que Sergipe tem apresentado propostas robustas em qualquer oportunidade”, diz.

Feliciano menciona que isso tem sido chave para Sergipe fortalecer até mesmo políticas sociais, em especial ambientais e a grupos minoritários, como população LGBTQIA+, povos originários, mulheres, pessoas com deficiência (PCDs) e idosos. Isso porque essas questões têm aparecido como condicionantes a financiamentos nacionais e internacionais, o que induziu a estrutura que conduz o Plano Diretor de Investimentos a se articular com secretarias que lidam com as áreas sociais na criação de políticas públicas modernas.

Feliciano destaca ainda que os projetos geralmente envolvem universidades, cooperativas, *startups* e organismos do terceiro setor, o que tem se mostrado essencial para serem aprovados nas análises de viabilidade.

Satisfeito com as explicações da nova integrante do grupo, Alexander volta ao cordel:

E aqueles mais inteligentes  
Que querem desenvolver  
Nessa terra de turistas  
Não têm “pra” onde correr  
Não tem tecnologia  
O jovem não faz magia  
O mundo ele vai percorrer.

Com semblante já não tão eufórico, Tobias comenta: “Repare, esses versos retratam o outro lado da moeda”. O guia explica que a economia que tem se desenvolvido em Sergipe é, ainda que diversificada, de pouca complexidade tecnológica, o que implica em pouco dinamismo. Reconhece, inclusive, que isso guarda alguma relação com a nova política educacional:

Nossos estudantes não contam com ensinamentos aprofundados nas novas tecnologias e nas competências que o mercado de trabalho mais complexo exige, até porque não isso não seria internalizado na base produtiva

que temos em Sergipe. Isso se deve também à “pegada” mais humanista na educação, bastante preocupada em evitar o “estrangeirismo” em nossa cultura e a epidemia de transtornos mentais que estamos vendo no país e no mundo. Jovens pelo país não vivem sem uma tela e estão imersos desde cedo em uma grande pressão para atingimento de alto rendimento, tendo inclusive suas infâncias encurtadas! Aqui em Sergipe não é assim!

Ele afirma ainda que, na indústria, não há ampla absorção das inovações tecnológicas, exceto por iniciativas esparsas, sobretudo em grandes empresas do setor alimentício, as quais conseguem agregar maior valor à pauta exportadora sergipana. Na indústria têxtil, que mantém estreita ligação com a economia criativa, o setor de tecnologias é pouco desenvolvido e a iniciativa mais dinamizadora é o Cinturão de Confecções, em Tobias Barreto e Itabaianinha.

O setor de comércio e serviços, de modo geral, não se mostra moderno e amplamente digitalizado, ainda existindo resistências a serviços financeiros digitais, que não inspiram confiança na população. “Importam-se tecnologias, que não são de ponta, e não as absorvemos no processo produtivo”, comenta Tobias.

Feliciano menciona que “A economia criativa é que incorpora as iniciativas mais avançadas nesse sentido, o que tem gerado um ecossistema de inovação junto a universidades, *startups*, Sistema S e entidades empresariais, por meio dos *hubs* de tecnologia”. A servidora explica que editais públicos de apoio ao desenvolvimento tecnológico geralmente têm contemplado alguns ramos dessa cadeia, ainda que não demandem alta complexidade.

Tobias retoma o raciocínio: no setor agropecuário, são incorporadas tecnologias avançadas em pequenas e tradicionais ilhas, mas que não ampliam a escala. Os grandes destaques são bacia leiteira, citricultura e milho, “o qual mantém sua produção na maneira tradicional, sem incorporar práticas da agricultura regenerativa, atenta a mudanças do clima”.

Feliciano chama a atenção ao risco da monocultura do milho, que tem intensificado conflitos pela água no Agreste e no Sertão:

Enfrentamos limitações na captação de investimentos a essas regiões, por conta da pauta ambiental. Os grandes produtores estão ameaçando a existência do bioma da Caatinga, estratégico para o aproveitamento da

bioeconomia. Inclusive, deveremos atuar nesse ramo em breve, mesmo que um tanto atrasados, assim que contarmos com os recursos do petróleo e do gás.

A servidora destaca que, uma vez que o empresariado sergipano, de modo geral, não apresenta alta tecnologia incorporada, não se adapta às exigências dos novos mercados e de fundos de investimentos. Assim, "os grupos empresariais e sociais ficam bastante dependentes dos programas governamentais e das alternativas de crédito ofertadas pelo Banese".

Feliciano comenta que algo que tem limitado a complexificação da economia é a dificuldade de atração de grandes investimentos, que não sejam no turismo ou por meio de incentivos fiscais: "Não há uma orientação clara acerca de quais outras vocações devem ser dinamizadas. Não temos arranjos produtivos locais ou zonas de processamento de exportação capazes de convencer investidores privados". Dessa maneira, explica que "os esforços da gestão pública voltados ao bom ambiente de negócios, como as medidas de regulação e simplificação de procedimentos, ficam limitados a pequenos empreendedores, o que tem maior repercussão na economia criativa e em atividades pouco complexas do turismo".

Tobias volta à cena e relata que o resultado disso é que estudantes sergipanos que se destacam nas áreas que demandam alta tecnologia geralmente emigram para grandes centros, até mesmo do Nordeste:

Se por um lado conseguimos incluir muita gente por meio da economia criativa de baixa complexidade; por outro, muitas pessoas qualificadas saem daqui, por falta de perspectiva de desenvolvimento profissional. Nenhum colega meu de graduação conseguiu seguir na área em Sergipe. Mas, logo logo, com os investimentos na exploração do SEAP, isso vai mudar.

Alexander fica reflexivo, lembra de sergipanos talentosos que foram seus alunos no curso de engenharia mecânica em universidade inglesa, e retorna ao cordel:

Turista aqui é rei  
"Pra" ele tudo é pensado  
E o que tem pro sertanejo?  
Solo desertificado  
Só mangaba que se salva  
Em toda essa secura braba  
Vou pro cajueiro do papagaio!

Tobias e Feliciano lamentam que, mais uma vez, os versos retratam a falta de dinamismo econômico em Sergipe. Feliciano contextualiza com a infraestrutura logística no estado: "Vocês rodaram na ótima estrada que liga Aracaju a Laranjeiras, pedagiada via parceria público-privada. Mas essa não é a realidade das muitas vias do estado não conectadas aos pólos turísticos". A servidora relata que esse é mais um sintoma da falta de consensos em torno a outras áreas econômicas a serem priorizadas.

Em termos de preservação do meio ambiente, Tobias analisa que Sergipe convive com um contraste, a depender da região e do setor econômico.

Por um lado, destacam-se iniciativas de aproveitamento sustentável de terras, especialmente com foco em turismo. Para tanto, o guia menciona que há um histórico de sucesso nas articulações entre órgãos do governo, Ministério Público e investidores:

Havia longos embates em torno do zoneamento costeiro em meados dos anos 2020, mas eles foram sendo solucionados via elaboração de planos de ocupação e mecanismos de compensação ambiental. A partir daí, muito investimento privado aportou à região. Inclusive, recomendo que visitem nosso litoral, que conta com empreendimentos pé-na-areia, cheios de sergipianidade!

Feliciano comenta que a infraestrutura turística no estado está permeada pelo aconchego das relações sociais: "Não dispomos de grandes redes de hotéis, como no Sudeste, mas desenvolvemos uma rede de menor porte, que respeita a natureza e privilegia o contato humano. Assim, proporcionamos experiências que valorizam nossa cultura e diversidade. Os turistas ficam encantados com nossa receptividade!".

Além da preservação ligada ao turismo, Tobias entende que a perspectiva integral de ensino adotada na rede pública influenciou na relação da sociedade com a natureza. Ele aponta iniciativas bem sucedidas de sistemas agroalimentares sustentáveis, os quais promovem a economia circular. Isso tem se dado mediante uma rede de pequenos produtores rurais, os quais têm contado com apoio das universidades, pequenas *startups* e organizações ambientais, que se organizam para captar recursos via organismos multilaterais.

Feliciano menciona que os governos estaduais e municipais têm atuado próximos a tais redes, sobretudo mediante suas secretarias de agricultura, que

têm viabilizado regulamentações favoráveis e incentivos, como compras públicas, acesso facilitado a crédito, assistência técnica, promoção de mercados locais e certificação dos produtos.

Alexander intervém: "Imagino que um exemplo desse sucesso esteja no licor que estamos tomando, que é de uma associação de mulheres sergipanas de mais de 40 anos!". Tobias e Feliciano concordam, mas lamentam que iniciativas como essa ainda careçam de maior investimento em preservação ambiental e tecnologia. Por conta disso, relatam que Sergipe tem ficado para trás no país em termos do aproveitamento da bioeconomia, sobretudo de alto valor agregado.

Tobias explica que isso tem a ver com o outro lado da preservação ambiental, que já reflete uma considerável preocupação da sociedade, internalizada por parte do Legislativo, Tribunal de Contas e Ministério Público, com as condições de degradação do solo no estado, em especial nas áreas próximas a grandes produções agrícolas: "Observam-se problemas de desertificação e indisponibilidade hídrica para produção e consumo humano em diversas localidades, sobretudo no Sertão e no Agreste".

Feliciano relata que as iniciativas de construção de barragens e cisternas não têm mais dado conta da demanda por água, exigindo intervenções inovadoras e tecnológicas, as quais já são observadas em outros estados do Nordeste.

A servidora pública esclarece que têm sido criados diversos comitês no governo para tratar da indisponibilidade hídrica, à medida que vêm ocorrendo recorrentes conflitos pela utilização da água entre uso para consumo humano e produção de alimentos. Tobias testemunha que "Há racionamento no abastecimento de água à população, em especial no Sertão, que ainda depende de carros-pipa, e dificuldades para o desenvolvimento de novas culturas agrícolas, que lidam com constantes interrupções de irrigação".

O guia elucida que, por conta dos problemas climáticos, aliado ao baixo investimento tecnológico na saúde, tem ocorrido o esvaziamento populacional de partes significativas de alguns municípios, principalmente do Sertão: "Os jovens vão atrás de oportunidades no mercado de trabalho e os mais velhos, que já são maioria em Sergipe, buscam se aproximar das regiões com melhores serviços de saúde, que ficam na Grande Aracaju".

Alexander menciona que na Inglaterra a administração dos serviços de utilidade pública nas cidades conta com ferramentas tecnológicas que auxiliam na resolução de problemas similares: eles antecipam problemas climáticos e

apoiam os serviços de saúde e segurança pública, por exemplo. “Vocês não tem isso aqui?”, questiona.

“Ah, essa é a tal cidade inteligente de que tanto falam?”, indaga Tobias. Ele indica que algumas funcionalidades são percebidas em Aracaju, mas que mesmo sem tais facilidades o estado apresenta cidades com boa qualidade de vida e seguras. “Ainda assim, convivemos com considerável déficit habitacional nos maiores conglomerados, com moradias precárias e alto nível de endividamento com aluguel”, pondera.

Como limitante à implementação de cidades inteligentes, Feliciano relata que, ainda que haja disponibilização de infraestrutura digital relativamente moderna nas cidades, o que iniciou com a instalação de um cinturão de fibra ótica no final dos anos 2020, faltam habilidades digitais na sociedade e nos quadros das administrações públicas municipais, que ainda demandam a realização de muitos serviços analógicos: “A interação com tecnologia de ponta não faz parte do dia-a-dia do sergipano”, resume.

Alexander, entre um amendoim e outro e instigado pelas análises da dupla, retoma a leitura:

E quem não é da cidade,  
O que é que vai fazer?  
Tem caminhão, laranja  
Ou um bom gado “pra” escolher  
Só não dependa da assistência  
Que com muita concorrência  
Tem fila “pra” sobreviver.

Feliciano esclarece que os versos refletem vocações econômicas clássicas, mas pouco complexas de Sergipe, conhecidas desde antes do seu ingresso na Administração Pública, as quais pouco mudaram e que continuam importantes para a economia do estado, o que ilustra seu baixo grau de inovação.

A primeira referência é a Itabaiana, capital nacional do caminhão, que conta com intensa atividade comercial que dinamiza o Agreste Central Sergipano. A servidora destaca que o setor tem conseguido agregar certa complexidade produtiva na economia do município, incorporando tecnologias que vêm de fora.

A segunda menção é à produção citrícola, que tem mantido Sergipe como um dos grandes fornecedores de laranja para as centrais de

abastecimento de todo o país, influenciando no desenvolvimento do Sul e Centro-Sul Sergipanos.

Já a referência ao gado é à importância da produção leiteira no Alto Sertão Sergipano, o "ouro branco do sertão", que fortalece os vínculos das famílias com a terra e que é referência no Nordeste. Feliciano menciona que o setor tem se orgulhado dos avanços na produtividade, graças a investimentos em tecnologias e apoio de políticas públicas.

Quanto à parte do cordel que trata de questões sociais, Feliciano relata que o avanço que Sergipe conseguiu nos últimos vinte anos foi por conta da inclusão produtiva, propiciada pelo sucesso da economia criativa, da valorização da saúde preventiva e da promoção da agricultura familiar, a qual tem gerado ocupação no campo e garantido, até certa medida, a produção e a oferta de alimentos para a segurança alimentar e nutricional da população. Assim, muitos saíram da situação de vulnerabilidade.

Tobias complementa: "Vocês sabiam que no estado inteiro as feiras livres continuam resistindo ao tempo e funcionam como fontes de renda, interação social e valorização cultural, até mesmo com espaço a artistas locais? O alimento aqui é popular na economia e na cultura!". Feliciano explica que para isso muito apoio tem sido conferido pelas secretarias de assistência social e cultura.

No que se refere à saúde preventiva, o guia defende que a educação humanista auxiliou na internalização por parte da sociedade acerca dos seus benefícios, o que tem reduzido problemas de saúde pública. Feliciano elucida que, embora faltem investimentos em tecnologias avançadas de tratamento na rede hospitalar, tem sido incentivada uma lógica de cuidado integral por parte do governo do estado, que tem reverberado no aprimoramento dos serviços prestados, até mesmo por pequenas e médias instituições do terceiro setor, com ênfase em medidas de baixa complexidade.

Nesse sentido, a servidora destaca a articulação que tem havido entre as gestões estadual e municipais de saúde e de assistência social. Tobias complementa: "Vóinha sempre comenta das visitas que recebe em casa das assistentes 'quase-doutoras'. Ela conta que já evitou diversas idas a hospitais, por conta das aulas que dão a ela. Diga aí!".

O guia adverte, entretanto, que um dos grandes problemas na saúde é que raramente há médicos qualificados no interior, uma vez que preferem ficar em grandes centros, atendendo em suas clínicas. Feliciano concorda e destaca que um agravante à questão de saúde pública no estado é que, com uma economia pouco complexa, as transformações mundiais nas relações e no

mercado de trabalho têm impactado severamente Sergipe: a economia informal e de baixa renda é a regra no estado, o que demanda muito da assistência governamental.

Alexander então chega então às últimas estrofes do cordel, não sem antes apreciar o doce gosto do licor de mangaba:

E pros tais investimentos  
Convocam a população  
Vêm tudo engravatado  
Até nos dão certa atenção  
Povo vai e participa  
Suzanê até palpita  
Nos vemos na eleição.

"Ah, gostei!", Feliciano esclarece que os versos retratam os avanços que têm ocorrido na promoção da participação social nos assuntos governamentais, por meio das consultas e audiências públicas, que "têm sido um sucesso na alocação de recursos, sobretudo dos grandes investimentos". Para tanto, a servidora menciona que foi essencial a realização de programas de capacitação à população para que passassem a se engajar nos assuntos públicos.

Destaca ainda a notável articulação que tem ocorrido entre governos do estado e dos municípios, o que tem canalizado os esforços para o fortalecimento das vocações dos territórios, em especial das áreas priorizadas pelo planejamento.

Tobias pondera:

Por mais que tenhamos avançado na participação social e na inclusão produtiva, a sociedade está bem politizada e tem sido bastante crítica aos governos, por não apresentarem soluções que complexifiquem nossa economia. Dizem que falta ambição aos governantes. As famílias querem aumentar a renda e morar com seus filhos em Sergipe!

Feliciano reconhece: "De fato, fortalecemos instrumentos democráticos, mas convivemos com críticas às decisões governamentais e ao sistema político, intensificadas nos períodos eleitorais".

Os três ficam um tempo conversando, Alexander compartilha experiências europeias, até que uma eufórica Sophia retorna ao seu encontro,

vestindo um gorro dos Lambe-Sujos e portando sacolas cheias de artesanato. Ela fala que eles deverão postergar a viagem de volta à Inglaterra ainda hoje, pois conversou com os artesãos e já traçou um roteiro para conhecerem os diversos atrativos do "país do folclore e do afeto" nos próximos dias.

Tobias rapidamente se prontifica: "Sra. Sophia está muito sibite, viu! Mas antes, temos que ir até à cena final do confronto entre Lambe-Sujos e Caboclinhos, às margens do rio Cotinguiba!".